

SÉRGIO SANT'ANNA

O conto zero e outras histórias



Copyright © 2016 by Sérgio Sant'Anna

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Christiano Menezes

Foto de capa

Retina_78

Preparação

Silvia Massimini Felix

Revisão

Valquíria Della Pozza

Angela das Neves

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sant'Anna, Sérgio

O conto zero e outras histórias / Sérgio Sant'Anna. — 1^a ed.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2740-5

1. Contos brasileiros 1. Título.

16-03131

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura brasileira 869.3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 —São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

- O conto zero, 7
- Flores brancas, 31
- Vibrações, 69
- O conto, 126
- Papeizinhos rasgados, 133
- O presépio, 135
- A bruxa, 148
- Bastidores, 156
- Caminhos circulares, 159
- O museu da memória, 170

O conto zero

Não seria propriamente um conto, ficaria dias e mais dias rondando a sua cabeça, você não escrevia uma única frase, uma palavra que fosse, pois ela o comprometeria com um seguimento, um desfecho, e o que você queria era uma prosa solta, que não precisasse ser escrita e concluída; que fosse um pensamento livre em movimento, levando-o a paragens infinitas e movediças, algo que nunca chegava a fixar-se, apesar de alguma ordem. Mas se poderia argumentar: se não se escreve não é um conto, mas para você é, existe um protagonista, um ser que habita um corpo e agora se põe em situação, está sentado em um banco individual de lotação, você o pegou na rua São Francisco Xavier, nas cercanias de Vila Isabel, depois de ter saído do Maracanã, digamos que de um jogo entre Vasco e América, você ia a qualquer jogo, sozinho ou com o seu irmão, o pai os deixava livres, era uma outra época, sem muita violência, da cidade; você estava com doze anos, até quase a metade deste ano de 1954 morara com a família em Londres, onde o pai fizera um curso de pós-graduação em ciências econômicas e o pai também não os impedia de saírem

sozinhos pela cidade estrangeira, que vocês dominavam melhor do que os adultos. Matando aula, vocês percorriam todas as estações do metrô, bastava pagar com moedas na máquina os bilhetes para a estação mais próxima — os preços eram diferenciados — e torcer para não aparecer nenhum fiscal que poderia levá-los para o colégio ou para casa, vai ver até passando pela delegacia, a rigidez inglesa que criminalizava até meninos, discutia-se isso na TV. E, com o bilhete mínimo, vocês iam aonde quisessem, desde que não tentassem sair numa estação fora do perímetro do bilhete.

Um dia, no colégio, na hora em que todas as turmas se reuniam num salão, antes do almoço, vocês assistiram, estarrecidos, ao *headmaster* chamar um menino — um dos menores — à sua presença e, depois de dizer qualquer coisa ao garoto, referente a uma falta disciplinar, mandou que ele estendesse a mão, uma de cada vez, e levantando o *headmaster* a própria mão, segurando uma sola de borracha, aplicou a palmatória, com violência, três vezes em cada mão do menino, que abriu a boca de tanto chorar. Você e seu irmão ficaram chocados e revoltados. No Brasil isso seria inconcebível. Se você conta isso neste momento do texto, é porque talvez tenha tido uma grande influência no gazetear de aulas.

Você morava e pegava o metrô em Kensington (Olympia), então deveriam descer em Earl's Court, a fim de pegar de novo o *tube* até Leicester Square e aí para Hampstead, onde se localizava o colégio, mas em vez de fazer isso, nos dias de gazeta, percorriam os subterrâneos da cidade inteira, saindo até do condado, quando o trem já subira à superfície, e depois retornavam a Earl's Court, tão perto de Olympia que dava até para ir a pé. Depois, começou a ficar monótono andar de metrô e, nesses dias,

vocês roubavam moedas de seus pais ou mesmo uma nota de dez shillings e saíam às ruas, pegavam um ônibus e sentavam-se nos primeiros bancos do segundo andar e tinha-se uma visão magnífica da cidade. Numa dessas, desceram do ônibus e compraram, picado, de um veterano de guerra pernetá, dois cigarros da marca Player's Navy Cut. Ao tragarem pela primeira vez na vida, sentiram a tonteira do corpo e a emoção da transgressão.

Certa tarde, obviamente matando aula, com uma nota de dez num dos bolsos, resolveram ir ao Museu de Cera Madame Tussauds, onde os pais já os haviam levado, e conferiram outra vez a perfeição das estátuas, reproduzindo figuras ilustres do passado ou não, pois lá estavam o emparedador de mulheres Jules Chrystie, que acabara de ser enforcado, e o craque da seleção inglesa Stanley Mathews. Mas luzinhas piscaram nos cérebros de vocês dois e resolveram passar para o salão anexo, onde havia um conjunto variado de máquinas caça-níqueis. E lá se foram as suas moedas, inclusive duas de duzentos réis, que obviamente haviam trazido do Brasil e tinham a dimensão idêntica à das moedas de seis pence. E puderam comprar dois biscoitos por duzentos réis, já que chocolate, só com o cartão de racionamento. O problema é que ficaram totalmente sem dinheiro para a volta — duzentos réis passavam também na máquina do metrô. E como voltar para casa de Baker Street até Kensington (Olympia)? Problema que não demorou a ser resolvido, quando passaram por uma banquinha de jornal self-service, parecendo um caixote na vertical, que vendia o *Daily Telegraph*. E pegaram o metrô com moedas que tiraram do caixote, a tempo de voltar para casa no horário previsto e cheios de sentimento de culpa, pois a honestidade era uma virtude inconteste no império da jovem Elizabeth II.

Mas o jogo os havia fisgado e, no dia seguinte, enquanto o pai tomava o banho matinal, seu irmão pegou na carteira dele

novamente uma nota de dez shillings, além de algumas moedas em seu bolso. Somadas estas moedas com as que o pai lhes dava para o metrô, puderam repor o dinheiro na banca de jornal self-service, aplacando o seu sentimento de culpa. E rumaram para o Museu Madame Tussauds, indo direto para o salão de caça-níqueis.

Trocaram logo a nota de dez shillings, o que lhes forneceu, em moedas, cento e vinte pence, pois cada shilling se subdividia em doze moedas de um penny, bem pesadinha, com a efígie do falecido rei George VI, na maioria. Era uma quantidade considerável de moedas, que dividiram em partes iguais, que pesavam no bolso do casaco azul de cada um. Vale esclarecer que os meninos ingleses, numa época de economia pós-guerra, trajavam sempre seus uniformes de colégio, indo para as aulas ou não. E o uniforme de vocês era calça e camisa cinza, de mangas compridas, em diferentes tons, um suéter com frisos coloridos e paletó e boné azuis, estes com escudos do colégio gravados. Por mais incrível que possa parecer, ninguém os interpelava ali na sala de caça-níqueis do Madame Tussauds, e também em suas flanagens pelo metrô.

A máquina preferida de vocês, meio chatinha de explicar, era uma em que se punha uma moeda de um penny numa abertura, acionava-se manualmente um mecanismo e uma seta se abria dentro de um visor, dividindo-o em partes desiguais. Aí você puxava um outro mecanismo e disparava uma bolinha, como nas *pinball machines*. Se a bolinha caísse do lado esquerdo da seta, a máquina devolvia-lhe duas bolinhas, as quais era possível disparar novamente, sempre procurando o lado esquerdo da seta, que poderia ser maior ou menor do que o lado direito, dependendo da sua sorte. No final, a máquina acabava levando todas as suas bolas e moedas, sendo que, desta vez, vocês haviam preservado o dinheiro das passagens de metrô, pois não queriam roubar a banca self-service outra vez.

Mas vocês já estavam viciados e, em casa, de noite, enquanto o pessoal assistia à tevê — uma tevê em preto e branco, pequena, alugada —, seu irmão roubou uma nota de nada menos que uma libra, o que era um furto audacioso, pois seu pai poderia dar falta dela. Mas não deu. Levando-se em conta que uma libra valia vinte shillings, e um shilling, como já foi dito, doze pence, a troca da nota daria um montante de duzentos e quarenta pence. Para não dar muito na vista, trocaram primeiro dez shillings, obtendo o mesmo montante da véspera, que levaram duas horas para perder. E, de repente, se sentiram cansados daquelas máquinas de bolinhas por um penny. Então trocaram na caixa — era como um pequeno cassino — a nota restante de dez shillings, por moedas um pouco mais valiosas, como a de seis pence e a de meia coroa — dois shillings e meio — para usufruir de atrações maiores, até mesmo na rua. Isso, a rua, vocês confabularam. Mas antes de chegarem à porta, passaram por uma máquina que, por seis pence, imprimia pulseirinhas de lata barata prateada. Assim: você introduzia na abertura uma moeda de seis pence e, com uma manivela, ia gravando, letra por letra, conforme um indicador, sem que a pulseirinha fosse vista no momento da gravação. Esperava-se que você gravasse na pulseirinha o seu nome ou o de algum ente querido. Então você pôs a moeda na máquina e gravou as letras da palavra *silly* (bobo ou boba) e afastou-se dali. Melhor não poderia ser, porque se aproximou do mecanismo um casal de namorados e o rapaz foi gravando letra por letra, totalizando umas dez, com certeza os nomes deles dois, como quem risca a canivete no tronco de uma árvore os seus nomes e um coraçãozinho. Mas quando puxou a manivela, para retirar a pulseirinha, fez um muxoxo e mostrou-a à namorada, que sorriu amarelo, entendendo que tinham sido vítimas de alguma brincadeira de mau gosto, pois saiu gravado *silly fulano e fulana*. Então ele amassou a pulseirinha e jogou-a no lixo. Possivelmente,

terão visto vocês dois saindo do recinto, porta afora. Mas vocês iam rápido, porque era mais ou menos hora de voltar para casa.

No dia seguinte, vocês decidiram voltar às aulas, pois, além de o dinheiro estar escasso — era arriscado furtar outra vez —, o pessoal da St. Anthony's School poderia estranhar as ausências sem nenhum aviso e ligar para a casa de vocês. E pegaram o metrô na estação de Kensington (Olympia), na hora apropriada, e desceram em Earl's Court, em que deveriam pegar uma composição até Leicester Square onde pegavam novamente o *tube* da Northern Line rumo a Hampstead, a estação mais próxima do colégio. E desceram mesmo em Hampstead, pensando em dar a desculpa de que ambos haviam pegado uma gripe, por isso faltaram três dias à aula.

Mas, à medida que subiam a ladeira que ia dar no colégio, suas pernas iam ficando mais pesadas e um desânimo profundo tomava conta de vocês. E decidiram matar as aulas daquele dia, só mais daquele dia. E deram meia-volta, mas, no descer a ladeira, viram, bem mais abaixo, um garoto da escola. Não da sua classe, mas da escola. Viraram então o rosto e atravessaram a rua, apressando o passo, com a esperança de não terem sido vistos. E retornaram à estação de Hampstead e desceram a escada rolante. E passaram o dia inteiro no underground, pois já haviam abusado dos caça-níqueis e sentiam uma culpa e um medo difusos.

Chegaram em casa numa hora plausível, e a mãe perguntou como tinham sido as aulas? Normalmente vocês disseram e aí a mãe, não escondendo a raiva, disse que Mr. Patton, o *headmaster* do colégio, telefonara perguntando por que vocês não estavam indo às aulas? Mas eles estão indo, ela dissera. Não, retrucou Mr. Patton, já não vêm há quatro dias.

“Quero saber o que vocês estavam fazendo na rua?”, disse a

mãe, ainda raivosa. “Aliás, deixem, vocês vão contar na presença do seu pai, quando ele chegar da faculdade.”

Na presença da mãe e do pai, evidentemente, eles só contaram os passeios de metrô, com as moedinhas. Os pais se espançaram, mas acabaram acreditando. Vocês não iriam dizer que roubaram dinheiro em casa e foram ao museu de cera e aos caça-níqueis, iriam?

Era uma sexta-feira e o pai foi inflexível: como castigo, não poriam os pés na rua no fim de semana. Vocês imploraram e imploraram e até usaram o argumento da palmatória e da comida horrível e obrigatória no colégio; você chegara, um dia, a empurrar repolho para dentro do bolso do casaco. E ficar preso em casa num apartamento pequeno era um castigo terrível, sem nem mesmo um cineminha, mas de nada adiantou. O pai foi inflexível e, já a partir da segunda-feira, começou a levar e buscar vocês de novo no colégio, prejudicando até as aulas dele na London School of Economics. Vocês moravam numa rua modesta e, durante o castigo, não tiveram o direito de descer, para ver se travavam amizade com os meninos da rua, que formavam uma turma, vocês observavam da janela, mas nem isso. Aliás, nunca arrumaram amigos ali nas redondezas. Agora tem quase certeza de que a mãe evitava o contato de vocês com meninos protestantes-anglicanos. Por isso fizera seu pai matriculá-los num colégio católico, que só conseguiram no outro extremo de onde moravam em Londres.

Você até hoje não sabe o que o pai teria conversado com o *headmaster*, mas foi convincente — o seu palpite é que o pai justificou vocês de alguma forma —, pois vocês assistiram às aulas normalmente naquela segunda e não receberam punição no colégio. Com certeza, o pai deve ter explicado ao *headmaster* o castigo que já fora aplicado no fim de semana e a dificuldade de vocês se adaptarem a uma escola estrangeira.

O fato é que seu pai era um homem muito bom e o castigo não rendeu. Mas ele e sua mãe nunca souberam o que vocês fizeram naqueles quatro dias. E logo vocês já andavam soltos de novo nas ruas de Londres, iam ao cinema sozinhos e outras coisas mais. Andavam até sozinhos de metrô, mas nunca mais para o colégio, e isso devia fazer parte da combinação com o *head-master*.

Seria inesgotável, e aborrecido, contar todos os passeios que fizeram em Londres, mas você não pode deixar de registrar que estavam lá durante a coroação de Elizabeth II, em junho de 1953, e o pai comprou um lugar numa arquibancada para o monumental desfile da nova rainha, idolatrada por todo o povo, e que vocês puderam ver passar na carroagem aberta, ao lado do príncipe Phillip e acenando para a multidão.

Mas esta peça está ficando inteira sobre Londres e não era isso que você pretendia e sim devaneios sobre sua cidade, o Rio de Janeiro, de que estavam morrendo de saudades, principalmente ali trancafiados naquele fim de semana. Eram tímidos para travarem amizade com os meninos do quarteirão, naquela rua de edifícios modestos, e sua mãe também os dissuadia.

Antes, porém, de passar ao Rio de Janeiro, você deve contar algo que se passou ainda em Londres e ficou para sempre gravado em sua cabeça. Foi uma festa de aniversário de um colega, para a qual vocês foram convidados. Seu pai fez questão de deixá-los na porta do apartamento e apresentar-se ao pai do aniversariante. Era uma festa legal, com meninos e meninas, enquanto o colégio era só para meninos. Brincavam de várias coisas, dedicavam-se a jogos e corriam uns atrás dos outros, igual pegador aqui no Rio, e também de esconde-esconde. Comiam doces e sanduíches e tomavam vários tipos de sucos, e você e seu irmão já sabiam inglês o suficiente para se comunicarem.

Lá pelas tantas, cantaram o *happy birthday to you* e o aniversariante partiu o bolo. E antes de se dispersarem, a dona da casa bateu palmas fortes e chamou a atenção de todos para o que devia se passar a seguir. Cada menino ou menina faria uma pequena apresentação aos convidados. Você disse à inglesa que não se apresentaria de modo algum, pois ficaria muito envergonhado. “Será muito *rude* da sua parte, se você recusar”, a inglesa disse. Prensado deste modo, você concordou e, chegando a sua hora, você foi até a janela da sala, virou-se de costas para ela e de frente para os convidados, batucando com as mãos, no parapeito de madeira, o ritmo de samba, cantou *Palpite infeliz*, de Noel Rosa, que tinha aprendido ouvindo seu pai. Você se saiu muito bem e o sucesso foi estrondoso, embora ninguém entendesse patavína das palavras. A partir daí, você foi a figura principal da festa e não se lembra do showzinho, incluindo poemas ridículos, que os outros e outras apresentaram.

Mas você se lembra bem que, correndo de um lado para outro com os meninos, passou diante de um quarto, com a porta fechada, onde vira esconderem-se meninas. E, de repente, a porta se abriu e uma garota de uns onze anos o puxou lá para dentro. Mas você, encabulado, resistiu e libertou a sua mão e a menina tornou a fechar a porta, quando você já estava arrependido. Logo depois chegou o seu pai para buscá-los e não adiantou vocês implorarem para ficar. Como você odeia essa decisão de seu pai até hoje. E também até hoje a cena e a garota, linda e loura, estão em sua cabeça e você dá a essa cena um desfecho diferente. Puxado pela garota para o quarto feminino, ela se esconde com você atrás de uma cortina e, segurando sua mão esquerda, faz a sua mão direita encostar na sua quase ausência de seios, enquanto um dos braços dela afaga as suas coxas, fazendo o seu pau ficar duro. E foi assim, em Londres, que despertou a sua sexualidade, auxiliada por sua imaginação. E foi lá também o seu primeiro

beijo, ali mesmo atrás da cortina. Depois — e assim você termina esse episódio antes de seu pai levá-los —, na hora de se despedirem à porta, Sarah, ela tinha se apresentado, deixou em sua mão fechada um papelzinho dobrado. Antes mesmo de abri-lo, você sabia que ali estava escrito um número de telefone. E você liga para ela e marcam encontro num cinema em que passam desenhos animados e assistem aos filmes de mãos dadas. E depois passeiam de braços dados pelo Hyde Park, trocam beijos e o namoro continua, escondido de toda a sua família, e talvez da dela. Pelo menos era o que você pensava. Pois seu irmão os descobriu e contou o romance à sua mãe, como se não tivesse nada de mais. E não tinha mesmo, mas não para a sua mãe, que não teve dificuldade de encontrar o endereço da garota, que seu pai conhecia, pois era a filha da família do aniversário, e foi lá e contou à mãe da menina o que estava ocorrendo e que aquilo era um absurdo escandaloso. Beata como minha mãe era — e por motivos que vocês só saberão depois —, deve ter usado bons argumentos, pois a mãe de Sarah passou a vigiá-la e vocês nunca mais se encontraram. Depressão e ódio, foi o que você sentiu. Ódio de seus pais e de seu irmão. Enfim, um misto de realidade e fantasia, uma espécie de Romeu e Julieta às avessas, porém você acalentou a história como se fosse verdadeira, mas acabou por se distrair com outras coisas, pois a família se mudou para um hotel em South Kensington, um bairro de classe média, e já começavam a preparar-se para a longa viagem de volta ao Brasil, porque ainda passariam por outras cidades e países.

Da época do hotel, você se lembra de alguns pequenos fatos e que a maior parte dos hóspedes era de senhoras de alguma idade. Dividindo um quarto com seu irmão, vocês faziam as bagunças naturais da idade. O prédio era velho e o chão dos quar-

tos, atapetado. E um dia bateu à porta do quarto uma senhora que veio lhes oferecer dinheiro para vocês pararem de pular no tapete. Você não se lembra da quantia oferecida, mas se lembra bem que uma espécie de orgulho nacional os fez recusar a oferta e ainda prometerem à senhora que iam procurar não fazer barulho, o que, evidentemente, não pôde ser cumprido.

Havia uma sala de TV no andar térreo e, não havendo nada melhor a fazer, vocês assistiam a alguns programas que não lhes interessavam muito, como uma série sobre uma família tipicamente inglesa, em que se evitava mencionar a guerra, tão recente, e o ponto era exatamente esse. Os hóspedes pareciam apreciá-la bastante, a série, mas um dia seu irmão, mascando um pedaço de papel de jornal, atirou-o com pontaria certeira e despistadamente na tela da televisão. E uma senhora logo deu notícia: “*There's a little spot on the screen*”, pensando tratar-se de um defeito. O seu irmão, todo lampeiro, levantou-se e retirou a bolinha de papel que ele mesmo havia lançado. Duas ou três senhoras o elogiaram, achando-o *very smart* ou algo do gênero. Mais ou menos meia hora depois, a bolinha tornou a aparecer na tela, e esta foi a sua vez de consertar o defeito, recebendo vários elogios. Mas por aquele dia bastava e vocês foram rir lá fora. No dia seguinte, foi de novo a vez de seu irmão, que mascou o papel até torná-lo uma bolinha, que foi lançada na TV. Só que um senhor de idade mediana o flagrou no ato, levantou-se, pegou seu irmão pelo braço e, no meio de impropérios, obrigou-o a tirar a bolinha de papel da tela e mostrá-la a todos. Não havia outro remédio senão saírem da sala e se refugiarem no quarto. O problema é que tiveram de passar uns dias sem ver televisão, o que tornava a vida no hotel insuportável. E você se lembra de que, nesses dias, jogavam algum jogo no quarto ou numa mesa da sala de estar. Ou então você, já revelando uma faceta da sua melancolia, ia passear sozinho na rua, no início da noite, e se amarrava de verdade quando

o fog era pesado. Você está escrevendo isso neste momento e dá-se conta de que amava e ainda ama a Londres daquele tempo, envolta em neblina.

Voltaram, porém, a ver televisão numa noite gloriosa, quando a inesquecível seleção húngara da época bateu os ingleses por 6 a 3, no estádio de Wembley, a Inglaterra perdendo pela primeira vez desde a construção do estádio. O jogo havia sido à tarde, mas passou o filme da partida à noite, e vocês viram as jogadas antológicas de Puskás, Kocsis, Bozik, Czibor. E, no dia seguinte, puderam gozar seus colegas de colégio. Depois, na revanche para os ingleses em Budapeste, quando vocês já haviam partido da Inglaterra, os húngaros ganharam de 7 a 1. Era, de fato, um modo diferente de jogar futebol.

Seu pai, que era um homem bacana com os filhos e paciente com a mulher, já os levara aos estádios para ver jogar o Chelsea, Arsenal, Wolverhampton, Bolton, Blackpool. E era legal também que ele se divertia nesses programas. Enquanto sua mãe tinha depressões súbitas e parava de conversar com todos.

Já se aproximava o momento de voltar para o Brasil, logo quando vocês já tinham se tornado amigos dos garotos ingleses no colégio. Até que, finalmente, chegou o último dia da escola e vocês se despediram da sua classe e, acompanhados do pai, foram despedir-se de Mr. Patton, o *headmaster*, que foi bastante afável, não parecendo naquele momento o homem severo que castigava alunos com a palmatória. Que vocês sofreram uma vez, por terem avacalhado um jogo chatíssimo de críquete, de segunda divisão, jogando pedrinhas no campo.

Você já tinham visitado a França, Holanda, Bélgica, Escócia, o País de Gales e várias cidades inglesas, inclusive a Stratford de Shakespeare, que você agora vê, pelas fotografias, como era

linda. E no caminho de volta vocês passaram pela Alemanha, Áustria, Itália, Mônaco, Espanha, sul da França e Portugal. De Nice a Barcelona, foram num avião quadrimotor, e você ficou impressionadíssimo com a quantidade de soldados ingleses bêbados, no aeroporto de Nice, como se não tivessem nada a perder, de partida para alguma guerra colonial na África.

Seu pai era um homem aventureiro e resolvera voltar num pequeno navio argentino, para noventa passageiros, chamado *Eva Perón*. Como a embarcação ficara retida num estaleiro inglês, para reparos, se atrasara por sete dias, finalmente chegando a Lisboa, com muito menos passageiros que o previsto e partindo horas depois. De Lisboa ao Rio levaram dez dias ininterruptos. E a menina inglesa, Sarah, continuava, a princípio, uma pequena fantasia ao seu lado, mas num navio havia coisas demais com que se distrair e a passagem de águas europeias para águas africanas, provocando ondas enormes, derrubando todos os copos e pratos numa mesa, dispersava você de tudo o mais. E, aos poucos, o mar foi se acalmando, a temperatura subindo, após se cruzar o norte da África. Aos poucos, vocês iam travando conhecimento com todos os passageiros, ficaram amigos de um faz-tudo a bordo, que lhes ensinou como não queimar demais o corpo, tomando um sol causticante no convés. E, à beira da pequena piscina, o grande sucesso era uma francesa com um biquíni mínimo, que não o deixava indiferente. Um argentino gordo ganhou o apelido de Farouk e você prestou atenção, à mesa, enquanto ele falava com sua mãe, dizendo, sobre as mulheres, que já estava tudo visto, com o que ela concordou com entusiasmo. Mas se foi divertido viajar de navio, ainda mais um navio pequeno, você já não tem entusiasmo de contar a viagem, em mais detalhes, para ninguém.

A grande excitação foi avistar as luzes da ilha de Fernando de Noronha, durante a noite, e havia, em vocês todos, uma ân-

sia de chegar. Uma radiola, na sala principal, permitia que você sintonizasse no rádio, cheio de interferências, o programa *No Mundo da Bola*, da Rádio Nacional.

E você ficou sabendo que o Brasil liderava sua chave sul-americana para a Copa do Mundo de 1954, em julho, na Suíça. E você já se tornava outra vez um garoto brasileiro, torcedor, e chegou ao Rio a tempo de ver o Brasil ganhar de 4 a 1 do Paraguai, no Maracanã, classificando-se para o Mundial.

A chegada à costa do Rio foi uma decepção, por causa da bruma que não deixava ninguém enxergar nada da baía de Guanabara, e o navio apitava sonora e gravemente, advertindo as outras embarcações da sua presença.

Finalmente o cais e, lá embaixo, se viam seus tios e sua avó toda encurvada e foi uma grande emoçãovê-los e depois todos se abraçaram. Sem a brisa do navio, desceram num Rio de calor insuportável de fevereiro e, a caminho de casa, atravessaram um bloco de Carnaval, lembrando-os de que, afinal, estavam em seu país.

Até aqui, a história que não é bem uma história se deu em Londres. Mas a verdadeira anti-história se passa no Rio de Janeiro, você estava ao lado do motorista no lotação e se sentia dominando com ele a cidade, passando pela praça da Bandeira, onde muita gente descia e entravam outras pessoas — em lotações era proibido viajar de pé —, e você ali no seu lugar conquistado, por isso subira a pé a São Francisco Xavier, afastando-se do estádio.

Era um domingo e seu irmão não quisera ir ao jogo com você, preferira ir ao hipódromo, estava ficando precocemente viciado em corridas de cavalos. Você também, mas menos. O irmão já saíra do colégio interno em que você ainda estudava, fora expulso por fugir à noite, descobrira um macete que era passar

por um portão dos fundos, cujo cadeado quebrara. Havia uma cota de alunos, da Turma dos Maiores, que sobrara para dormir num pequeno dormitório, no andar térreo, e dali era mais fácil escapar, porque o irmão marista que tomava conta era meio ca-duco, só fazia a ronda das camas umas duas vezes por noite. Seu irmão e mais um outro que fugia com ele faziam trouxas com suas roupas e as colocavam sob as cobertas — o travesseiro não, porque daria demais na vista —, de modo a fingir que havia alguém dormindo na cama e, depois, era só o irmão marista retornar para seu pequeno quarto que os dois alunos escapuliam.

Mas um dia o irmão vigia descobriu as camas vazias, chamou o irmão regente, esperaram os fugitivos e a expulsão dos alunos foi uma sucessão de rápidos acontecimentos, os pais foram chamados e, como era fim do segundo semestre, foi permitido aos garotos fazerem as provas finais, nas quais seu irmão levou bomba, para ganhar a liberdade, sendo matriculado no Colégio Andrews, naquela época na praia de Botafogo, com aulas do secundário só pela manhã.

Mas o que seu irmão estivera fazendo na rua nas noites em que escapava? A princípio, apenas um cineminha ou jogo de futebol, porém, logo depois, seguindo um primo esperto do outro menino, descobriram o teatro de revista, e lá iam eles, sentando-se nas primeiras fileiras de poltronas e vendo de pertinho vedetes e coristas muito gostosas, com maiôs curtíssimos — nudez naquela época seria inadmissível —, cantando, dançando e participando de esquetes escritos por Walter Pinto, o rei da noite, com piadas até políticas. Não existia mais o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) da ditadura de Getúlio. Era o governo eleito posteriormente, do mesmo Getúlio Vargas, e diziam que o presidente dava gostosas risadas com as piadas que ficava sabendo a seu respeito, pois o pessoal do teatro não era trouxa e conhecia os seus limites.